

TEMPORAL:

prática e pensamento contemporâneos

Pois ciência rigorosa não se faz por mero formalismo alheio às necessidades do próprio objeto, tal como podemos creditar ao “especialista” em seu sentido quantitativo; rigor se faz pelo reconhecimento mesmo dessa fratura, pela aridez e assombro do factual, pela historicidade complexa dos conceitos. Nesse sentido, nosso espaço convida ao risco; risco até mesmo de encontrar, ao fim e ao cabo, apenas o mesmo – o terreno deserto.

Editorial

Tempora tempore tempra

Tempera os tempos com o tempo

O primeiro número da Revista *Temporal - prática e pensamento contemporâneo* traz a público uma tentativa de atrair materiais diversos às tramas conceituais, expondo, sem descurar do cuidado filológico exegético, a filosofia a questionamentos mais amplos, a materiais heterogêneos, impuros.

Como primeira experiência, pode parecer que não nos distanciamos tanto quanto queríamos de uma publicação padrão para a área, ou para as diversas áreas acadêmicas, sucumbindo, mais uma vez, à clausura do especialista, com artigos cujos diálogos só podem ser contrapostos entre si de forma externa a cada argumentação. As dificuldades eram e são evidentes, em um momento em que, ao declínio da figura do intelectual, muitas vezes algo generalista, sobrepõe-se o domínio do especialista, geralmente hermético e fechado no seu circuito. Mas, não perder de vistas a carpintaria silenciosa do conceito, não avançar por sobre o trabalho cinzento do filólogo, também é um modo de escapar às facilidades de um pensamento estéril, de romper os limites impostos por um agenciamento quantitativo estranho aos movimentos construtivos da reflexão. Talvez, dessa insistência em pôr-se à disposição, dessa dificuldade intrínseca ao fazer filosofia como ciência rigorosa, possa surgir um outro espaço.

Recebemos muitas contribuições que, pelo teor e pela seleção *ad hoc*, acabaram conduzindo os editores a elaborar este primeiro número em torno apenas da questão central que o norteou: *tolerância*. Os artigos que não responderam a esta pergunta serão avaliados em outras ocasiões. De qualquer forma, agradecemos ao acolhimento da experimentação. Dos artigos selecionados, iniciamos a exposição do problema ao confrontar as imagens do Deus da Bíblia à verdadeira substância divina. É Espinosa que nos convida ao escrutínio filológico do texto bíblico, no qual as profecias se desdobram em contradições e opiniões, formando um mosaico de imagens do ser divino, incompatível com uma análise geométrica e racional. O artigo que expõe a análise espinosana foi escrito pela doutoranda da Universidade Federal de São Carlos, Luanda Gomes dos Santos Julião. Não recebemos exatamente textos sobre autores clássicos ligados ao tema, como John Locke, mas sua *Carta sobre a tolerância* aparece, no texto da cientista política Beatriz Falcão, em contraponto ao Projeto de lei sobre a família, de 2013. O confronto expõe a dinâmica do texto lockeano, sua resiliência argumentativa capaz de abarcar questões contemporâneas. A noção de tolerância que, a partir de Locke, põe a nu as contradições performativas do Projeto de lei, mostra-se, todavia, como faceta ideológica de má abstração hegemônica tanto para Herbert Marcuse, no texto de Hamilton Cezar Gomes Godim, ex-professor substituto da Universidade Estadual da Paraíba, quanto

para Slavoj Žižek, na exposição de Camila Batista, mestranda pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Em ambos os autores, cada um respondendo a seu tempo histórico, uma espécie de tolerância frouxa, esgarçada até a ideologização, solapa o terreno dos conflitos propriamente políticos. O texto do sociólogo Daniel Santos, dentro dessa perspectiva, procura evidenciar as estruturas intolerantes que resistem como *habitus* na escola e na sociedade, no caso específico da homofobia. Para fechar nossa exposição tensa e contraditória dos limites e reinterpretações do termo, a professora da Universidade dos Andes, na Colômbia, María Cándida Ferreira de Almeida, nos apresenta o conceito de pedagógica da admiração, em contraposição à pedagogia crítica e à do oprimido; admiração cuja alteridade radical propõe um estranhamento, um assombro pelo Outro, como perspectiva intercultural possível, para além da tensão excludente que apenas tolera as diferenças.

Na seção *Miscelânea*, publicamos o esboço de uma peça de teatro. Sem a intenção de ser literatura, boa ou ruim, o texto foi escrito para constituir uma leitura dramática durante a 45ª Semana de Filosofia da Universidade de Brasília, cujo tema era a Reforma protestante. A peça acabou não sendo lida, restando como o texto aqui reproduzido, sob a apresentação criteriosa do escritor, doutor em literatura contemporânea e ex-professor da Universidade Federal de Rondônia, Eder Rodrigues, que gentilmente fez as vezes de pareceres *ad hoc* neste caso tão específico. Esperemos que essa certa dose de pretensão seja superada pela experimentação que propõe. Para completar a faceta de debate histórico sobre a questão em seu aspecto religioso e social, convidamos a teóloga e pastora luterana, Romi Márcia Bencke, para uma entrevista. A entrevista sublinha a necessidade de a Teologia, como uma das Ciências sociais, voltar a ter papel atuante na sociedade, pois o silêncio, ou o silenciamento, das perspectivas teológicas pode ser um dos motivos desse assombroso regresso político social que presenciamos

bestializados. Agradecemos a gentileza pelas respostas ao mesmo tempo precisas e abertas à suspeita, que nos ajudam a compor um quadro complexo.

Publicamos em nosso número inaugural, uma resenha a cena artística brasileira, em tempos de nova intolerância., pelo docente de Teoria das artes da UnB, Marcelo Mari.

O mote para esta revista surgiu das indagações em torno dessa 45ª Semana de Filosofia. Nesse sentido, pensamos múltiplos conceitos ligados à Reforma que nos são hoje caros e fundamentais, tais como a noção de tolerância, que preferimos, ainda, ao diálogo religioso, inter-religioso, ou intercultural, pois tolerância demarca um limite tenso entre indivíduo e comunidade, entre sujeito e lei geral, muito própria às cisões modernas; trata-se de um limite reflexivo, judicativo, mas sempre um limiar dúctil, que comporta conflitos. Mas, em sua instância mais radical, não os assimila a um geral único, nem os escamoteia – ou pelo menos, não o fazia até a ideologização hegemônica dos discursos midiáticos atuais.. Outras noções que nos vieram como correlatas a essa cisão moderna foram as de secularização, ou seja, quais são as margens desse limite tenso, onde há sagrado, onde caímos na profanação, como se reescrevem essas cercaduras entre religião, Estado, indivíduo etc.? Enfim, pensamos muitas questões que foram acionadas e que também foram os motores da Reforma protestante, não pensamos, ou buscamos não pensar, em uma relação de causa e consequência direta, mas em uma rede de implicações mútuas. Pensamos, no fim, em configurações, em conformações sociais e políticas que deram a nova face a espaços desse nosso mundo. As várias facetas interpretativas que este dossiê propôs nos mostram que se trata, ainda, da pedra basilar sobre a qual se assentam, mesmo que em falso, muitos dos conflitos étnicos, religiosos, culturais ou políticos contemporâneos.

Como todo trabalho acadêmico, este também não seria possível sem a gentileza de inúmeros parceiros e amigos. Correndo o risco de



esquecer alguém, queríamos agradecer aos organizadores da 45ª Semana de Filosofia da UnB sobre a Reforma protestante, Lauro Rocha, Indi Nara Corrêa, Agnaldo Cuoco Portugal, Márcio Gimenes de Paula, Marcos Aurélio Fernandes e Maria Cecília Pedreira de Almeida. Aos pareceristas, notadamente a Eder Rodrigues, pela paciência e sugestões precisas. Aos membros do NESPI - Núcleo de estudo de pensamento italiano, Benedetta Bisol, Gigliola Mendes e Herivelto Souza, a Marcelo Mari, pelo apoio institucional, a Pedro Gontijo, por ter nos posto em contato com a pastora Romi Bencke. Aos argonautas da revista *Pólemos*. À secretaria do Departamento de filosofia da UnB. E hoje como sempre, a Marco, não só, mas também, pela sugestão da epígrafe.

O tempo tempera os tempos.

As editoras